

CORREIO DO VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

Republica e bom senso

Republica, já nós temos, felizmente; bom senso, todo o que houver não será de mais. E' certo que a serenidade já reina por completo na physionomia das ruas; mas não é menos verdade que ainda está tudo muito mexido dentro das cabeças. Desejos, sentimentos, ideias, não conseguiram ainda assentar no fundo, está ainda tudo muito no ar. A noção das realidades sociaes viravolteia ainda nos cerebros, enovelada na visão grandiosa dos cortejos processionaes, no estrepito das ovações, nas notas da «Portuguesa» e no fremito das bandeiras. D'ahi as exigencias extravagantes, os alvitreos mirabolantes que se exhalam d'estas cabeças fumegantes. Um dia apparece num jornal a ideia de tornar officias todas as escolas dos centros republicanos, d'ahi a dias, outro jornal lembra-se de fazer um inquerito sobre se a Republica deve ou não ter presidente, interrogando individuos que pela primeira vez pensavam no assumpto. E o curioso é que houve pessoas que tiraram d'ahi indicações sobre o estado da opinião publica. Outro jornal ainda promovia, muito a serio, um alegre plebiscito, por meio de bilhetes postaes, sobre quem seria o futuro presidente da Republica. Mais recentemente, um estudante pedia que se não pagassem propinas de matricula, que cada um pudesse fazer exames quando bem lhe desse na gana, o diabo. Enfim, para não ficar todo o dia a apontar casos d'esta ordem, os estudantes do Curso Superior de Letras — de Letras, notem bem — pediram que fossem supprimidas as provas escriptas: pediram e foi-lhes concedido. E', pura e simplesmente, um retrocesso. E o que é mais para lamentar é o argumento de que fazem uso: que as provas escriptas, *taes como se faziam*, não tinham valor algum.

Mas então, por essa logica, deviam pedir a suppressão do ensino superior das letras. Os estudantes da Escola Polytechnica, por seu lado, pediriam que se acabasse com o ensino superior das sciencias, e assim por deante; e estava o problema resolvido.

A solução seria no genero da que dava aquelle enfermeiro-mór dos hospitaes, que, lá porque alguns estudantes conversavam demais com as enfermeiras não encontrou outra maneira de resolver a difficuldade senão fechar as enfermarias aos estudantes. A therapeutica é um pouco simplista; e se a medicina se lembrasse de enveredar por taes caminhos acabarse-hia por cortar a cabeça aos individuos que habitualmente soffressem de cephalaigia.

Outra manifestação curiosa de este estado de ebullição em que se encontram as mioleras são os alvitreos sobre as mudanças dos nomes de ruas. Ha patusco que quer por força acabar com todos os nomes de santos que ha ahí por essas esquinas. Ora a verdade é que os nomes dos santos nas ruas só perturbam o espirito dos anti-

religiosos que ainda hontem se confessavam e batiam nos peitos. Acaso os moradores da *travessa de Santa Quiteria* pensaram alguma vez na pessoa da santa? Provavelmente, tanto como os presos, ao ouvirem fallar no Limoeiro, pensam na arvore que dá os limões. Que se apaguem das nossas ruas os nomes de toda essa fadistagem politicante—Ressanos, Hintzes e quejandos—que entre si distribuía patentes de immortalidade, isso sim; agora os santos, coitadinhos, deixa-los lá estar que não fazem mal nenhum; lá estão em Paris e ninguem dá por elles. E' que são muitas as ruas que haveria que mudar, e todas ruas antigas, de nomes já inveterados—o que não acontece com as ruas novas;—com franqueza, não valeria a pena a perturbação que d'ahi viria só pelo prazer insignificante de correr com uns santos... em que ninguem pensa. Eu fazia mais: nalgumas ruas reintegrava o santo. Ha, creio eu, uma *rua do Visconde de Santo Ambrosio* que sempre até ahí tinha sido *rua de Santo Ambrosio*; pois eu corria com o visconde, e espetava lá outra vez o santo, que, tenho a certeza, havia de ficar muito satisfeito.

Mas a questão dos nomes das ruas tem um outro aspecto, mais serio. Parece estar de accordo a vereação em que se não deve dar ás ruas ou praças da cidade o nome de pessoa alguma viva, não sei mesmo se se estabeleceu—se não, devem faze-lo—o numero de annos que depois da morte de qualquer pessoa devem ter decorrido para que o seu nome possa figurar na placa municipal.

Pois bem, pessoa pouco avisada já propôz que se fizesse uma excepção. Ora toda a gente sabe o que é haver uma excepção; e a prova é que já depois da *Praça Theophilo Braga* foi proposta a *rua da Lucta*—que o director do jornal não accitou—e a *rua do Seculo*, a *rua do Mundo*, exactamente como no tempo da monarchia se inventou a *rua Diario de Noticias* e outras.

A exigencia de um praso determinado depois da morte de uma personagem celebre—por mais celebre que ella seja—é inteiramente justa: não temos o direito de jungir as gerações vindouras ás nossas paixões de um momento; visto que exigimos d'ellas que conservem intacto—acrescentado, se possivel fôr—o patrimonio de tradições que lhes legámos, justo é que só lhes leguemos obras perduraveis, geradas na calma e na reflexão.

Mas vejo a possibilidade de mais graves consequencias, ainda, do facto de usurparem os vivos as homenagens que de tempos immemoriaes são apanagio dos mortos. Imaginem que no outro dia, quando o sr. dr. Magalhães Lima ia para receber a mensagem que lhe levaram, surdia de lá o D. Luiz da Cunha e estendendo rapidamente os metacarpos—elle era incapaz de tal, bem sei; isto é uma supposição—lhe empalmava o papel, agradecendo com um cumprimento, como se a cousa fosse para elle:—ou então que, num banquete dado em honra do sr. dr. Theophilo Braga, quando to-

dos se dispunham a tomar assento, subito, apparecia o Fernão Lopes e sentava-se no logar destinado ao illustre presidente do governo provisorio.—Os senhores gostavam?—isto sem fallar já do borborinho que d'ahi viria—cheli-ques, cacos atropellamentos, o diabo. Naturalmente, os srs. protestavam: «isto não se faz, o governo devia metter os mortos na ordem, etc.»

Mas a verdade, para um espirito imparcial, é que os srs. não tinham razão. Desde que os vivos se apoderam das homenagens que pertencem aos mortos, correndo com elles das esquinas das ruas, das frontarias dos centros e das escholae, dentro em pouco, dos pedestaes das estatuas, que quebrem os senhores que os mortos fazem senão papar jantares, receber as pennas de ouro, os tinteiros de prata, as espadas de honra e as mensagens de congratulação? Com toda a franqueza, o ponto de vista dos mortos parece-me inteiramente justo; por mais amigos que eu tenha entre os vivos, não posso deixar de dizer que são os mortos que teem razão.

E aqui têm as consequencias que podem advir de não se manter cada um no logar que lhe compete. Comtudo, para isso não é preciso talento, basta o bom senso. E este tão necessario é aos que estão fóra do governo, para não exigirem coisas disparatadas, como aos membros do governo para se não deixarem arrastar por falsas correntes de opinião.

(Da Lucta).

José de Magalhães.

GAZETILHA

Dando largas á alegria,
E aligeirando maçadas,
E' velho uso neste dia
Festejar o S. Martinho
Por entre copos de vinho
E castanhitas assadas.

Ora o costume faz lei,
Segundo pude já lêr
(Onde e quando é que não sei).
E por isso, andai ligeiras,
Raparigas, co'as picheiras,
Toca a rir, toca a beber.

Honremos tão grande santo
Emborcando em seu louvor
Té cahirmos para um canto.
O bom vinho é sangue quente
Que vem animar a gente
E faz esquecer a dôr!

E dos moços dos meus tempos
Quem *dorsitas* não terá?
Quem não soffreu contratempos?
Portanto, mesmo que a *turca*
Lhes faça dançar *maqurka*
Mais alegria haverá.

E vós, cachopas galantes,
Que tornaes num paraíso
Este mundo que já dantes
Gostava da pinga, olé,
—Como o prova o bom Noé—
Não poupeis hoje o sorriso.

11-11-910.

EL-VIDALONGA.

ASSUMPTOS LOCAES

O *Seculo*, de quarta-feira da semana passada, publica o seguinte:

«Escrevem-nos d'Eixo (Aveiro), dizendo-nos que não se sabe onde pára o dinheiro da subscrição, aberta, ha cerca de dois annos, no *Correio do Vouga*, para fornecer livros e roupa ás creanças que, por falta de meios, se vêem impossibilitadas de frequentar as escolas.»

Nunca julgámos digno de resposta um anonymo, e da mesma maneira pensarão, talvez, a sr.ª D. Maria Lucia dos Reis e Lima e os sr. dr. Eduardo de Moura, Avelino Dias de Figueiredo e Manuel Saldanha (1), que, comnosco, têm a responsabilidade da subscrição, aberta neste jornal, por nossa iniciativa. Por isso, referimo-nos á local do *Seculo* unicamente para accentuar, mais uma vez, o seguinte:

1.º A nossa primeira ideia, ao abrir a referida subscrição, era constituir com o seu producto um fundo de assistencia publica, exclusivamente destinado a auxiliar os pobres d'esta freguezia que não pudessem ganhar os meios de subsistencia, por falta de saude, e sem parentes em condições de os socorrer.

2.º Mas, reconhecendo que a commissão de beneficencia escolar, nomeada pelo Estado, ha mais de seis annos (2), *ainda não tinha feito nada, como tambem depois d'isso nada fez*, lembrámo-nos de applicar, ao menos provisoriamente, parte do rendimento do fundo d'assistencia á compra de livros e de vestuários para as creanças necessitadas das duas escolas officias.

3.º Por aqui se vê que a nossa obra era, e é, para futuro, pois de pouco valeria estar a juntar alguma dezenas ou mesmo centenas de mil reis para uma applicação immediata a não ser que seguissemos o aphorismo—*emquanto dura, vida doçura*. O nosso desejo consistia, e consiste, em crear uma instituição de beneficencia de caracter permanente.

4.º Não obstante isto, a commissão já teria reunido muitas vezes, se por ventura todos os seus membros vivessem na mesma terra, e todo o seu desejo era reunir quanto mais cedo

(1) O sr. Antonio Simões da Silva, allegando falta de saude, confessou que não podia auxiliar a commissão e concordou em ser substituido.

(2) O «generoso» informador do *Seculo* desconhecerá este facto?

melhor, principalmente para tomar alguma deliberação no sentido de evitar que o capital subscripto continuasse improductivo.

5.º Finalmente e, apenas para tirar duvidas a quem por ventura seja excessivamente escrupuloso, declara-se que resolveu fazê-lo, e que na verdade o fez, antes de se conhecer a local do *Seculo*.

DURANTE A SEMANA

Dois ministros visitam o norte—O crime de Cascaes—Ainda o naufragio da canhoneira «Tejo»—Reconhecimento das potencias—Outras noticias.

Visitaram, no domingo, o Porto os srs. ministros do Interior e da Guerra, sendo recebidos com entusiasmo indiscriptivel. O sr. Antonio José d'Almeida retirou na segunda-feira, para Lisboa, e o sr. coronel Barreto tem visitado varios regimentos do Norte. Hontem esteve em Aveiro.

—Foram julgados no dia 10, e absolvidos, os individuos implicados no crime de Cascaes. O *Primeiro de Janeiro*, em correspondencia de Lisboa, relata o julgamento nos seguintes termos:

Lisboa, 10.—Na sala do 4.º districto criminal do tribunal da Boa Hora, começou hoje o julgamento de Domingos Fernandes Guimarães, Manuel Martins Pereira Ribeiro, João Manuel Camello Neves, Francisco Pereira de Souza, Agapito Pereira da Silva, Eduardo Philippe Amores e Manuel Mendes, os seis primeiros accusados de terem assassinado proximo da Bocca do Inferno, em Cascaes, Nunes Pedro, e o ultimo por ter sido encobridor do mesmo crime, que bastante deu que fallar nos jornaes.

O julgamento começou pelo meio-dia, estando a sala completamente cheia desde as 10 horas.

Presidiu o juiz sr. Amalir Cirne, representando o ministerio publico o sr. dr. Macedo dos Santos.

A defeza estava assim representada: o primeiro e segundo reus, pelo sr. dr. Gorrão; o terceiro, pelo sr. dr. Alipio Camello; o quarto, pelo sr. dr. José de Castro; o quinto, pelo sr. dr. Lomelino de Freitas; o setimo, pelo sr. dr. José d'Abreu; e o ultimo, pelo sr. dr. Macieira.

A audiencia decorreu no meio do maior interesse, havendo apenas um incidente, que logo foi suffocado: a viuva do Nunes Pedro que, assistindo ao julgamento, a certa altura se levantou e dirigiu os maiores insultos aos reus.

Os interrogatorios foram rapidos, e os pretendidos autores do crime de Cascaes mantiveram-se sempre em negativa, afirmando

nada terem com o crime de que são accusados.

Emquanto ao interrogatorio das testemunhas, passou-se tudo quanto ha de mais extraordinario. As proprias testemunhas de accusação, numa grande parte policias de segurança e da judicaria, estes dos que estavam subordinados ao ex-juiz dr. Antonio d'Azevedo, passaram quasi que por assim dizer, a defender os reus, fazendo as mais flagrantes contradicções nos seus depoimentos.

Os advogados fizeram discursos magnificos. A' hora a que estou telegraphando, está fallando o sr. dr. José de Castro, que num caloroso e empolgante discurso narra o que foi o juiz de instrucção criminal com as suas manigancias e astucias em arranjar criminosos e pavorosas.

*

Lisboa, 10—Os pretendidos criminosos de Cascaes foram, por decisão unanime dos jurados, absolvidos, sendo a sentença bem recebida.

—Foi julgado, no dia 9 e absolvido, o capitão tenente sr. Ivens Ferraz, commandante da canhoeira *Tejo*, accusado do encalhe de esta nas Berlengas.

—Reconheceram o governo da Republica Portugueza as seguintes potencias: França, Inglaterra, Hespanha, e Italia, sendo os respectivos representantes em Lisboa e Porto, calorosamente saudados pelo povo.

—Foi mandado para a terra da sua naturalidade (Mêda) o Albano de Jesus, mais conhecido pelo *Homem-macaco*, a quem será concedida uma pensão de 12\$000 reis mensaes.

—Foi extinto o logar de visitador da Caixa Geral de Depósitos e Instituição de Previdencia, sendo demittido d'esse cargo o sr. Adolpho da Cunha Pimentel.

1.º anniversario do assassinato de Ferrer

Algumas notas sobre a vida e a obra do immortal fundador da Escola Moderna e breves considerações sobre a pena de morte

(CONTINUAÇÃO)

Com o intuito de dar uma ideia da maneira como se realisa o methodo scientifico e racionalista na Escola Moderna, vamos transcrever do já citado livro do sr. Simões Coelho a traducção do prefácio dum compendio da historia adoptado naquella Escola:

«Ao apresentar aos professores este primeiro volume da Historia Universal, julgamos necessario expôr como comprehendemos o estudo da historia.

Antigamente entendia-se por historia, a relação das guerras e a cronologia dos reis, reduzindo tudo a uma glorificação da força, ao que se misturava opportunamente uma apologia religiosa, da qual se não deprehendia nenhum ensino util. Pelo contrario, muitos cerebros jovens se apaixonaram pela fama dos conquistadores, cujas virtudes e gloria se exaltava, e

Os noivos

(CONTINUAÇÃO)

—Sim! E que mais pôde cada um do que confiar na Providencia... e um pouco em si? A fidelidade de mais a mais, tem as suas glorias. Aqui vê, passando a noite, algumas antigas ligações. Ha gente que passa d'isto, sem saber que as ligações antigas duram... justamente por terem durado! A constancia tem um orgulho á parte!...

—Que é, neste caso, o orgulho da desgraça!

—Quando a desgraça dança nos bailes, minha boa amiguinha, nem Deus a vê. Ha uma nuvem, que costuma passar pela lua de mel das noivas; quando ella lhe apparecer,

mais de um crime foi o resultado d'esse estudo que se considerava destinado a não illustrar as gerações novas com a experiencia das gerações extinctas.

Em nossos dias, haverá 15 annos, iniciou-se o methodo de dar a preponderancia á historia da civilisação, deixando escurecida a historia politica. A tentativa era louvavel, e respondia a uma necessidade imperiosa. O que se comprehende debaixo do nome de historia da civilisação? Trata-se de expôr os esforços dos homens, de todos os homens, na sua marcha ascendente, até a um futuro melhor? Não. Não passou de mostrar-nos o funcionamento e os diferentes processos dos governos; a extensão do commercio, quer dizer, a exploração do homem pelo capital, da vassalagem do dinheiro. Fala-nos tambem muito das locubrações altamente phantasticas dos fundadores das religiões, e da sua supposta acção bemfeitora sobre a humanidade.

Em esse novo genero de historia, a civilisação humilha-se até não comprehender mais do que a historia dos conductores de povos, não dos povos mesmos. Em suas concepções mais atrevidas, como a da previsão do futuro, não excede o nivel das republicas actuaes.

Por nosso lado, comprehendemos de modo diferente a historia da civilisação: pegando nos homens, desde a sua aparição na terra, exforçamo-nos em reconstituir a vida real com todas as suas luctas, seus soffrimentos e seus progressos. Procuramos tambem descobrir toda a malicia dos exploradores: guerreiros, legisladores, sacerdotes, e todo o conjunto de enganões que os povos sabem, os verdadeiros, os que trabalham. Deduzimos um ensino completo e severo, que instrua as novas gerações no conhecimento dos seus verdadeiros direitos e dos seus verdadeiros deveres. Que a historia seja uma escola de fraternidade universal, uma prenda de paz para os homens honrados, e uma causa de temor e de espanto para todos os que intentam avassalar os seus semelhantes. Mas para que este ensino dê os seus fructos, convém não começá-lo antes do momento em que a intelligencia das creanças e o seu sentido critico, tenham o sufficiente desenvolvimento para comprehenderem um estudo de raciocinio puro. Aconselhamos, pois, a que se afaste a historia das classes preparatorias. Depois dos dez ou doze annos, quando os discipulos tiverem adquirido a faculdade de observar, é já tempo de lhes fallar dos homens que os precederam e lhes prepararam o caminho.

Por aqui ficamos: o nosso intento consiste em indicar novo methodo; não em desenvolvê-lo. Resta-nos prevenir que receberemos com gratidão, quantas observações e criticas nos dirigirem, e que, na continuação d'este trabalho, teremos especialissimo empenho em frizar bem que um sentir altamente liberal e veridico, deve dominar em uma historia universal dos homens».

verá que ha-de aconselha-la a ser indulgente com o proximo.

—Que nuvem vem a ser?

—Simplez devaneio, ás vezes.

De outras vezes, a sombra d'um crime. A curiosidade d'Eva que renasce no meio d'um espectáculo, auxiliada por um oculo de theatro, o peor dos interpretes, o mais perigoso dos confidentes! O fructo prohibido, que passa de *frac* e luva côr de violeta! A nuvem surge de repente, e vem do lado que se não espera. A' meza, ao ver partir um fructo que se nos destina; na egreja, ao acceitar a agua benta, no hyssope que se nos offerece; no verão, entre as arvores, ao encontrar tres vezes, fixos nos nossos olhos, uns olhos que nos procuram; no jornal, quando uma vaga sympathia pelo nome d'um escriptor nos obri-

AS MINHAS CARTAS

IX

COIMBRA

O 1 de março de 1907 foi o primeiro dia da «grève academica», de Coimbra, motivada pela reprovação do doutorando José Eugenio Ferreira.

Com o facto coincidiu a minha vinda para esta cidade, a fim de continuar os meus estudos no terceiro anno da Escola Normal.

Encontrei a vetusta Coimbra como a conhecia já: — velha, sim, e engelhada, mas divertida, e folionia; e, agora, torcendo-se pelas suas ruas estreitas e asymetricas, um pouco mais agitada.

Encontrei-a com vida; com aquella vida romantica que lhe advem das lendas e tradições do passado, transmittidas de bocca em bocca por tantas gerações de mancebos que teem transposto os humbraes da «porta-ferrea», envoltos na capa e na batina, e que teem dado á «cidade do Mondego» o seu quê de mysterioso e caracteristico que nenhuma outra cidade possui.

Encontrei-a attrahente e encantadora, com as suas recordações historicas, e archeologicas, com os seus bellos arredores de incomparavel paisagem e com o seu rio de margens frondosas, cantado por tantos poetas.

Encontrei-a, a ella, a Coimbra da tradição.

Hoje, a «Lusa Athenas» difere do que foi ha tres annos.

O caracter de actualidade que lhe imprimem, o abandono de algumas das velhas usanças, em que se encerra todo o seu romanticismo, absorvem-lhe aquella magia que tem feito da «patria dos estudantes» uma cidade áparte.

As velharias constituem toda a orgulhosa poesia da nobre cidade.

Sem ellas, Coimbra perderá todas as seducções de madona, á beira do Mondego sentada.

De todos os caracteristicos, será a capa e a batina o typico distinctivo por ultimo abandonado. E' que o seu traje é agradável. E' que dentro da capa e da batina todos se sentem bem.

Se ellas fossem desagradaveis e importunas ha muito teriam sido desprezadas, como o foi a pobre «cabra».

A velha sineta que oirou tantas cabeças, despertando as madoras academicas, essa, emmudeceu para sempre.

E' um cadaver que breve vae ser enterrado.

Talvez seja por ella não tocar já, por já não despertar os estudantes, que os «geraes» estão quasi sempre desertos e as aulas são pouco frequentadas.

E' verdade que na Universidade faltam muitos professores, mas ás aulas faltam muitissimos alumnos tambem.

Comtudo, os cursos livres tão extraordinario avanço no caminho da liberdade e do progresso!

São um mimo, uma regalia porque se suspirava desde ha

ga, antes mesmo de terminar a primeira pagina, a ir vê-lo no fim da segunda; no baile, quando o nosso braço, que não tremeu na primeira valsa, que demos a um deputado, nem na segunda, que demos a um poeta, nem na terceira, que demos a um príncipe, treme na innocente contradança que um desconhecido alcançou de nós!

—Mas, sabe tudo a condessa?

—Sei a vida apenas, meu anjo.

—E' possivel, comtudo, que se a nossa alma tentar perder-se na cerração da nuvem, uma voz amiga nos avise do perigo e nos subtraia a elle, pois não é?

—Que voz?

—A... de um marido, por exemplo.

—Os maridos não avistam nunca a nuvem, meu amor; e, por mais

muito. Mas são tambem a causa da «rainha do Mondego» perder aquelle mysticismo, que é todo seu, desde seculos.

E eu tenho saudades d'isso, sinto mesmo pena de Coimbra não poder manter as suas seducções.

Mas...

E a «cabra», a velha sineta votada ao esquecimento!...

Que querem? tambem tenho pena d'ella. Era impertinente, bem sei, era mesmo encommoda, mas o seu badalar tinha alguma coisa de magico, de mysterioso, de philosophico mesmo, que nos obrigava a escuta-la e, contrariados, talvez, a obedecer-lhe.

E' que o seu toque encerrava um conselho d'amigo, que nos previne contra as «côlicas» dos exames.

Oh! se ha philosophia nestes quatro versos:

A «cabra, quando badala,
Tem um ar de desengano.

Parece dizer á gente:

«Cuidado com o fim do anno».

Emfim, «le monde marche».

E Coimbra vae perdendo o seu encanto com o desaparecimento das suas tradições, e muitos estudantes vão perdendo o anno.

De todas as velharias da vetusta cidade, desaparecerá por ultimo a capa e a batina, que ainda todos usam como élo que ligará o passado tradicional ao presente progressivo.

Paulo Stacio.

NOTICIARIO

Lyceu d'Aveiro — Foram nomeados professores interinos do Lyceu d'Aveiro os srs. drs. Lourenço Peixinho e Caetano Tavares Affonso e Cunha e tenente Joaquim Maria d'Oliveira Simões.

A todos, as nossas cordeaes felicitações.

Subscrição — O nosso presado amigo sr. Joaquim Nunes Baeta Junior, natural de S. João de Loure, mas residente em Lisboa, pede-nos a publicação do seguinte:

Tendo em meu poder o producto d'uma subscrição que, com alguns amigos, aqui promovi, afim de auxiliar a antiga e digna Junta de Parochia de S. João de Loure, na construcção d'um cemiterio, que não se realisou, devido a varias razões e, entre ellas, talvez a rapida mudança de Instituições, previno os srs. subscriptores, que tão cavalheirosamente contribuíam para o referido melhoramento, de que pôdem vir receber as quantias com que tinham subscripto á rua Vasco da Gama n.º 78, das 7 da manhã ás 7 da noite.

Juizes de paz — Foram nomeados juizes de paz em Angeja e Branca (Albergaria-a-

incantuos, ou mais cegos do que o resto do genero humano, só depois de toda a gente fallar do seu *dissabor*, chegam elles alguma vez a perceber-o...

—Alguna amiga, ao menos!

A condessa sorriu-se.

—As amigas na sociedade teem a missão exclusiva de nos tirarem o marido ou o amante! Nada mais! Ao avistar da nuvem, passa-se palavra entre todas, mas ha sempre cautela de não avisar a victima da tempestade que a ameaça! E' um romance de horas, ou de toda a vida; um capricho, ou um amor; quasi sempre um capricho, felizmente! E' bom ser virtuosa, Carminho; ao menos, para enraivecer o proximo!

—Cruel condição!

—Não é bem assim, perdoe-me.

Velha) os srs. Julio Rodrigues da Silva e Custodio Dias Henriques.

Fallecimento — No dia 9, pelas 3 horas da manhã, falleceu, nesta villa, a sr.ª Rosalina Figueira, filha do sr. João Figueira.

A extincta, que foi victimada pela tuberculose, gosava de geraes sympathias.

A todos os seus, sinceras condolencias.

Declaração — Os advogados d'Aveiro resolveram não abrir os seus escriptorios aos domingos e dias feriados, o que consta da seguinte declaração:

Os advogados da comarca de Aveiro, abaixo assignados, declararam sob sua palavra de honra, e d'isto avisam os seus clientes, que aos domingos e dias feriados, ultimamente decretados, ou que de futuro venham a decretar-se, não abrem os seus escriptorios, não tratando de assumptos relativos á sua profissão nem mesmo nas suas residencias, mantendo-se esta deliberação emquanto algum dos signatarios não notificar todos os outros por escripto. Este compromisso será opportunamente annunciado, e entra já em vigor.

Aveiro, 3 de novembro de 1910.

Joaquim Simões Peixinho, Chelrubim da Rocha Valle Guimarães, Jayme Duarte Silva, André dos Reis, Antonio Fernandes Duarte Silva e Innocencio Fernandes Rangel.

Cumprimentos — O nosso presado conterraneo e amigo sr. José Joaquim da Costa, residente em Lisboa, e que, ha muito, milita no partido republicano, escreveu-nos, enviando-nos algumas informações sobre os recentes acontecimentos politicos, e pedindo-nos, para, em seu nome, e por intermedio d'este jornal, felicitar-mos as novas auctoridades administrativas d'esta freguezia.

A amnistia — Em virtude do decreto de amnistia, publicado pelo governo da Republica, foram postos em liberdade no domingo, dando-se-lhes por expiada a pena, os seguintes individuos que se encontravam sentenciados e presos na cadeia da comarca d'Aveiro:

Por furto — Manoel Estevam da Silva, Antonio Estevam da Silva, Benjamin Francisco, Manoel Rodrigues da Costa, Anna Rosa de Jesus e Amadeu Nogueira de Figueiredo.

Por transgressão — Francisco Brillhante da Silva.

Por offensas corporaes — Joaquim Francisco Gôcho, João Ma-

E' alegre contemplar a sociedade a exasperar-se de despeito, e tem graça até vê-la babar epigrammas sobre o freio que é obrigada a roer!

Neste momento, Carlos Eduardo, approximando-se das duas se-nhoras, pegou no *bouquet* de Carminho, e conservou-o na mão emquanto ali esteve. Convertou-se em coisas triviaes, em theatros, em flores, em livros, em bailes de mascaras; todavia, elle achou um pretexto para dizer a Carminho, num tom sentimental e sisudo, voltando friamente a vista na direcção da condessa:

—Os preceptores são sempre perfidos; para que os innocentes saibam evitar o erro... revelam-lho!...

A noiva estremeceu.

—Ouviu tudo! pensou ella.

ria Ferreira Vagueiro, Manoel Emilio, Joaquim Nunes Genio, Manoel Antonio Pereira, Maria José dos Santos e Victoria Rodrigues da Silva.

A Manoel Marques d'Oliveira, do Carregal de Requeixo, condemnado em 3 annos de prisão celluar, por crime de homicidio voluntario, é-lhe descontado um anno, devendo seguir qualquer dia o seu destino, visto ter transitado agora em julgado a sentença d'esta 1.ª instancia.

Commissão districtal

—Foi já nomeada a commissão districtal d'Aveiro que ficou composta dos srs. dr. Lopes Fidalgo, d'Ovar; dr. Antonio Breda, d'Agueda; e J. Casimiro da Silva, d'Aveiro.

Sub-inspectores primarios—Terminaram as provas oraes do concurso para sub-inspectores primarios, sendo a classificação:

19 valores, Antonio Conceição; 18, Albano dos Santos Ramalho e Augusto Cordeiro; 17, Francisco d'Almeida Neves, Francisco Pereira da Silva e Joaquim Thomaz; 16, José Nunes Paes; 15, José Augusto Teixeira; 14, Manuel Ignacio Arruda; 13, Arnaldo Coelho Fortes; 12, Manuel de Brito Moreno e Reinaldo Oudinot; e 10, Alfredo Sá Villarinho e Antonio Ferreira Coelho.

Desistiu 1 e foram excluidos das provas praticas 3. Estas começam amanhã realisando-se em diferentes escolas primarias á razão de um candidato por dia.

Capella de S. João—A junta parochial d'Aveiro resolveu demolir a capella de S. João, do largo do Rocio.

Já começaram os trabalhos, sendo as imagens transferidas para a capella de S. Gonçalinho.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 22-10-910

A revolução do dia 8 — Intervenção estrangeira, reclamada pelo consul de Portugal — Prejuizos — O coronel Bittencourt governador? — Outras noticias

Na minha ultima carta, fiz uma ligeira referencia aos factos que se deram aqui no dia, pondo em sobresalto a população que, espavorida, fugiu para alguns logares afastados, como Flores e Calhoerinha.

Antes das 4 horas da tarde d'aquelle dia, dirigiu-se o illustre consul de Portugal, sr. dr. J. A. de Magalhães, ao sr. governador, de quem é intimo amigo, pedindo-lhe, para entregar o governo ao sr. Sá Peixoto, vice-governador, e, hoje, considerado como um traidor. Não accedeu o sr. coronel

Depois, Carlos Eduardo mudou de tom, e por algum tempo fez o maior dos milagres de um namorado—teve espirito.

A condessa, com uma leve accentuação vingativa, disse-lhe em voz alta:

—Parece estar hoje feliz, sr. Carlos de Lemos.

—Sou-o sempre aqui, senhora condessa!

—Hoje mais que nunca, talvez! —Creio-o bem, replicou o manco, com uma finura d'olhar, que revelava distinctamente haver percebido a intenção. V. Ex.ª sabe, senhora condessa, que a felicidade é do numero das coisas, que diminuem em não augmentando!...

Foi a primeira vez que Carminho ergueu a vista para Carlos Eduardo, dando-lhe aquelle caracte-

Bittencourt a este pedido, vendose o sr. dr. Magalhães na necessidade de convidar os consules de outras nações, para o acamparem na sua reclamação. O antigo governador, deante da attitude do corpo consular, transigiu, mas cheio de desgosto, tanto mais que talvez tivesse o presentimento de que, pelas armas venceria os conspiradores. Haviam-se alistado já grande numero de voluntarios para o defender. O commercio e a colonia censuraram o procedimento do sr. Sá Peixoto.

Durante o dia do combate foram damnificados muitos predios, entre outros a *Bijou* e o *Banco Amazonense*, sendo este incendiado por uma granada. Alguns empregados que accudiram ficaram muito feridos, sendo preciso amputar a um d'elles uma das pernas.

Affirma-se que, em breve, o coronel Bittencourt reassumirá o governo, devendo partir da Pará, onde se encontra, por estes dias. Parece que neste sentido recebeu já ordens do governo federal.

O sr. Pantalão Telles, commandante do exercito, e Costa Mendes, commandante das forças de mar, foram chamados ao Rio, devendo embarcar no *Olinda*. Diz-se tambem que os revoltosos vão ser transportados para o Rio.

Em virtude da pressão exercida sobre a imprensa, segundo se diz, suspendeu a sua publicação o *Diario do Amazonas*. Outros jornaes tem sido alvo tambem de violencias, queixando-se alguns, como o *Jornal do Commercio*, directamente ao sr. Nilo Pecanha.

—Em Manaus reina ainda sobresalto por causa dos recentes acontecimentos de Portugal.

—No mez passado arrombaram o *Congresso*, remexendo todos os papeis e outros objectos que lá se encontravam.

—Sentindo-se atacado da febre, suicidou-se, no dia 20, no Grande Hotel, o sr. Benjamim Mejiá, empregado da casa commercial Jaramillo, Mejiá & C.ª, em Bolivia.

—Realisou-se no dia 15 o enlace matrimonial do sr. Manuel José Soares, commerciante, socio da importante Fabrica «Mimi», com a sr.ª D. Catharina Braule Pinto.

—Pensava o nosso prezado amigo sr. Domingos Tavares da Silva Junior, natural d'Azurva (Aveiro), mas aqui residente, em festejar o seu anniversario natalicio, que passou no dia 15, quando recebeu a dolorosa noticia do fallecimento da sua adorada mãe. Compreendendo a vivissima dor que o afflige, apresentamos-lhe, bem como á sua familia, as nossas mais sentidas condolencias.

—A Avenida Eduardo Ribeiro foi no dia 15 theatro d'uma scena tragica de que, apenas por feliz acaso, não resultou a morte de ninguem. O sr. dr. Geraldo Rocha, indignado por questões politicas, desfechou cinco tiros de revolver contra o sr. dr. João Coelho Cavalcante (o Barafunda), attingindo-o algumas balas, mas sem gravidade, felizmente.

—Em virtude dos ultimos acon-

ristico olhar de gratidão, com que uma senhora sabe recompensar a um homem de espirito a lucidez de replica que cõrte a crise.

A' sahida, Gonçalo Dantas lançou o *burnous* sobre os hombros de sua mulher, um movimento casual fez que ella pedisse á condessa a graça de lhe segurar o *bouquet*. Esta dama guardou-o um momento e, ao entregal-o de novo á sua amiga, disse-lhe a meia voz, com expressão de susto e de terror, indicando o ramo:

—A nuvem!
O marido, a esse tempo, conchegava ao pescoso as dobras do seu *cache-nez* e despedia-se do conde (porque nesta casa havia um conde, que era nem mais nem menos do que o marido da condessa: eu ainda o não tinha dito; os maridos esque-

tecimentos politicos que se deram em Portugal pediram a demissão, respectivamente de consul e vice-consul, os srs. dr. J. A. de Magalhães e Machado e Silva.

—O cambio sobre Portugal continúa baixo. Lisboa, 290, e provincia, 301.—*Annibal Cerdeira F. Paiva.*

NOTICIAS PESSOAES

Délivrance

Deu á luz, no dia 8, uma creança do sexo feminino a sr.ª Maria Eutília Rodrigues Gomes, esposa do nosso conterraneo e amigo sr. Manuel Gomes Marques, actualmente no Estoril.

Desejamos para o recém-nascido uma vida cheia de felicidades e cumprimos os seus paes.

Estadas

Encontra-se aqui, de visita, o nosso prezado amigo sr. dr. Antonio Ernesto Simões Lucas, distincto alumno do 5.º anno da Faculdade de Direito.

—Encontra-se no Porto o nosso prezado amigo sr. dr. Carlos Luiz Ferreira, d'Albergaria-a-Velha.

Partidas e chegadas

Partiu para o Brazil o sr. José Teixeira d'Abreu, de Frossos.

—Tambem deve seguir brevemente para Manaus (Brazil) o sr. Marcellino da Silva Pinho, d'Angeja.

Desejamos a ambos uma viagem feliz e as maiores prosperidades

—Regressaram de Lisboa a S. João de Loure, onde contam demorar-se algum tempo, os srs. José d'Almeida Primo e Antonio Dias Ribeiro.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 10

Encontra-se nesta cidade a sr.ª Maria d'Almeida, de S. João de Loure, mais conhecida por a «Chicória», cuja visita á capital foi motivo de surpresa para mim. Está hospedada em casa do nosso amigo Bernardino Antonio da Silva e de sua esposa, a sr.ª Maria Martins Sequeira, e tem visitado muitas familias, entre ellas a do sr. Baeta Junior, e das sr.ªs Emilia Dias e Rosalina Dias da Silva.

—Já regressou do Cartaxo, onde tinha ido de visita á sua familia, o nosso amigo sr. Manuel da Costa Jerego, que teve occasião de fallar com o tambem nosso amigo sr. Simões Serralleiro.

O sr. Jerego veio muito satisfeito pelo acolhimento que teve por parte dos seus numerosos amigos.

—Honrou-nos hoje com a sua visita o sr. Joaquim Augusto Nunes Baeta Junior (o gigante).

—Tem passado muito incommodado de saude o abastado capitalista sr. João Nunes Fernandes, natural d'Eixo, mas aqui residente ha muito tempo. Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

—Reuniram, ha dias, em casa do sr. Manoel da Costa Jerego, os devotos de S. Martinho de 1910, para fazerem a entrega do ramo aos devotos de 1911.

Estiveram presentes os nossos amigos srs.: Joaquim Nunes Baeta Junior,

cem-se sempre!) por esta simples phrase:

—Agora, meu caro conde, até á volta.

—Como, até á volta?!

—Sim. Vou a Barcellos.

—Para ter demora?

—Dois a tres mezes.

—E' muito natural que não vá só?

—Carmo está com desejo de passar uns dias na provincia, e é util que se habitue á vida patriarcal do campo, onde eu tenho a intenção de passar de ora em deante os verões.

—Partem para a semana?

—Dentro em tres dias. Escrevi já a meus irmãos, para nos esperarem.

—Muito boa jornada, Gonçalo Dantas.

Jayme Baeta Vidal, José Nunes Vidal, José d'Almeida, Valentim Lopes, Alvaro Ferreira e Antonio Corcia Gallego. Faltou apenas o sr. Costa Jerego, que se encontrava no Cartaxo, sendo proposto para o substituir o nosso amigo Antonio Nunes Sequeira, que acceteu o encargo e, por deferencia especial, foi incumbido de assumir a presidencia da sessão.

Expostos os fins da reunião, marcou-se nova sessão para terça-feira em que é assumpto deve ser resolvido definitivamente.

S. João de Loure, 9

Partiram para Lisboa, a sr.ª Maria d'Almeida e o sr. Julio Nunes Sequeira.

—O sr. Alexandre Vidal, digno professor d'esta freguezia, vae tratar da creação d'uma escola mixta em Loure, melhoramento com que o logar muito tem a lucrar.

Como é preciso que todo o povo o ajude, pois que sem a mobilia não será creada a escola, abriu já o sr. Vidal uma subscrição em Loure afim de se adquirir a necessaria mobilia.

Lembramos aos nossos amigos naturaes d'aquelle logar e residentes em Lisboa e que queiram concorrer para o engrandecimento da sua terra o dever de auxiliarem a subscrição, enviando as quantias offerecidas á commissão especial de patriotas que para esse fim se vae organizar.

Pela nossa parte, desde já, felicitamos o povo de Loure por tão util e importante meioramento.

—Partiu para Coimbra a sr.ª D. Gracinda Leite onde foi fixar residencia em companhia do seu extremoso filho sr. Antonio Dias Leite, apliado estudante do Lyceu d'aquella cidade.—C.

Por ter chegado tarde ao nosso poder somos obrigados a deixar para o proximo numero uma carta d'um nosso prezado assigngnante da capital que se encobre com pseudonimo de *Lucifer*.

Leituras amenas

O MEU AMIGO BANANA

Ninguem poupa da parca implacavel A implacavel thesoura inhumana!... Perdi hontem um amigo estimavel Wenceslau Policarpo Banana!

Inda o vejo a dizer-me:—Anacleto, Morro!... Aceita o meu velho relógio! Vou pagar-lhe tal prova d'affecto Publicando-lhe o seu necrologio.

Já maduro, já cá dos veteranos Sessenta annos contava—sessenta! Se consegue viver mais dez annos Só morria depois dos setenta!...

'Stava longe de ser homem bello, Porém tinha bom ar e bom modo! E alisára sem custo o cabello, Se não fosse careca de todo!...

Como o pobre, infeliz Belizario, Mendigou muita vez um vintem! Mas apenas se viu millionario, Nunca mais pediu nada a ninguem.

Talvez pèta o seguinte pareça; Mas é cousa, que passa por certa: Nunca punha o chapu na cabeça, Sem ficar com a cabeça coberta!...

Sem ser sabio—sem mesmo ter cursos Deputado se fez eleger;— E se em cõrtes se fizesse discursos, Era muito capaz de os fazer!

—Obrigado, meu caro conde! Até ao momento de entrar no quarto, a noiva mal pôde conter a inquietação em que a deixára a phrase da condessa. Tocava apenas no *bouquet* pelas pontas dos dedos, como receando que elle a queimasse. Ao soltar as flores, e encontrar uma carta, a sua alma agitou-se num vago terror.

—A nuvem! disse a si propria recordando-se do que a condessa lhe havia dito, e estremecendo de vergonha. Quem é então que me quer perder? Elle que me escreve, ou ella que me avisa? Os seus olhos de lynce observaram o que eu não chegaria a ver. E' ella a culpada de eu não atirar o meu *bouquet* pela janella, por medo de que esta carta fosse encontrada. E' incrível a tristeza que tudo isto me produz, e o

Leu ainda quando estudante Até meio a sagrada escriptura; Se tem lido a metade restante Com certeza acabava a leitura.

De bom vinho amador—diz a fama— Esgotava ao jantar... um almude! E em cahindo doente na cama Não gosava perfeita saude!

Era eximio do jogo da bola, E um portento atirando ao pião! Só não dava no alvo á pistola Em não tendo a pistola na mão!

Projectando talvez ser eterno Tinha em si um cuidado exemplar! Nunca esperava os regelos do inverno P'ra tomar os seus banhos de mar!

So, á vivenda do campo attrahido, Ia uns mezes passar em Fozcõa, Era sempre trabalho perdido Procural-o na casa em Lisboa!

Nunca o viram na rua estender-se, Que não fosse por dar trambolhão! Mas tambem... se podia suster-se, Nunca dava com as ventas no chão!

Outra cousa vos digo, e com ella Vou decerto causar-vos surpresa; Quando a gente o bispava á janella 'Stava em casa com toda a certeza.

Jornadeava de verão numa egua, Com que o pae o brindara em creança; Em se achando em Lamego ou na Regoa, Nunca estava no Crato ou na Chançal!

Tinha pilhas de graça, e depois Pateticas... pilherias... inventos!... Para elle um quartinho e mais dois Eram sempre tres mil e seis centos!

Os continuos desgostos mundanos; Recebia-os com riso sarcastico! E em sahindo com botas de canos Não sahia com botas d'elastico!

Outra cousa—mas isto baixinho, P'ra que os maus o não vão difamar— Em tomando café no Martinho Não tomava café no Marrare!

A correr igualava uma corça; E só tinha um defeito infeliz: Não podia assoar-se com força, Sem tirar algum som do nariz!

Das familias com quem convivia, Convidado p'ra ceia ou jantar, Se antes d'elle ninguem apparecia... Era sempre o primeiro a chegar!...

E em dançando nas casas alheias, P'ra melhor dar á perna nas valsas, Punha as botas por fóra das meias, E as ceroulas por dento das calças!

Consta agora, segundo se diz, (Quem viu cartas do illustre finado) Que escrevia cartaxo com X E chouriço com C cedilhado!

E alguem hontem me disse em segredo, Com saudade e com ar compassivo Que se a morte o não rouba tão cedo, Inda hoje decerto era vivo.

E. Garrido.

ABC Illustrado
POR
ANGELO VIDAL

horror que a condessa me inspira atravez dos sens conselhos amigaveis. Sentia-me menos culpada e menos infeliz, enquanto ignorava tudo que ella hoje me contou. E' talvez a sua boa estima por mim, que lhe ditou as especiaes considerações sobre o amor e a sociedade, com que me entreteteve ha pouco. Mas, que empenho de me mostrar o mundo pela sua face medonha?! Perdidos preceptores, me disse elle, e disse bem: para nos ensinarem a evitar o erro, principiam por nos dar a tentadora noticia do que isto é! Porque não tem a minha alma força para se resgatar de uma vez para sempre da ideia d'este home que me attrae e me enleia?

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . . 400 reis

ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu mérito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 reis. Colleção de 12 quadros collados em cartão—2300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lã nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de character permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeración seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semnario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
—semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 reis
Communicados, cada linha . . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.^o ANNO—N.^o 47

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em.º Int.